

HERBERT WILLIAM RICHMOND: UM ALMIRANTE INTELECTUAL

FRANCISCO EDUARDO ALVES DE ALMEIDA
Capitão de Mar e Guerra (RM1)

SUMÁRIO

Herbert William Richmond – Um marinheiro engajado e autor sofisticado
Primeiros tempos na Marinha Real
O almirante e o intelectual
Uma carreira de realizações acadêmicas

O marinheiro e erudito. Com essas duas palavras o historiador canadense Barry Hunt, um dos maiores especialistas na obra de Herbert Richmond, cunhou o seu livro de 1982.¹ Disse Hunt que “o Almirante Sir Herbert Richmond foi um fenômeno único da Marinha vitoriana e eduardiana, um profissional competente e oficial de sucesso que era também um intelectual. Isso foi o bastante para assegurar que o seu progresso seria tormentoso”.²

Herbert William Richmond foi um historiador influente no período entre as duas guerras, participando ativamente das discussões navais que se seguiram à Grande Guerra de 1914 a 1918. Embora tenha sido um historiador de prestígio na época, poucos historiadores no tempo presente têm se dedicado a se debruçar sobre os seus escritos. Mesmo na Inglaterra, seu país natal, são poucos os especialistas em seus trabalhos teóricos e históricos, quase to-

¹ HUNT, Barry. *Sailor-Scholar: Admiral Sir Herbert Richmond 1871-1946*. Ontario: Wilfred Laurier, 1982.

² *Ibidem*, p. 2.

dos ligados às escolas de altos estudos militares e ao King's College da Universidade de Londres, onde se destacam os historiadores Geoffrey Till e Andrew Lambert.

No Brasil não existem trabalhos acadêmicos que analisem as suas concepções. Mesmo na Marinha de Guerra brasileira, no seu principal veículo de discussão acadêmica, a *Revista Marítima Brasileira*, só existe um artigo analítico específico sobre Richmond, publicado em 2006.³

Afinal, quem foi esse personagem da história britânica que suscitou tão poucas pesquisas? Como ele imaginava a história naval e como ele se diferenciou de Alfred Mahan?

HERBERT WILLIAM RICHMOND – UM MARINHEIRO ENGAJADO E AUTOR SOFISTICADO

Herbert William Richmond nasceu em Hammersmith, Inglaterra, em 15 de setembro de 1871, segundo filho homem de Sir William Blake Richmond e Clara Jane Richards. Seu pai foi um pintor famoso da época vitoriana e professor de Artes na Universidade de Oxford entre 1879 e 1883, assim como seu avô George Richmond fora também pintor notável. Talvez em razão dessas influências, cedo se interessou pelo desenho e pela pintura, no entanto as artes não seriam o seu destino, embora demonstrasse um talento inato para desenho e caricaturas.

Herbert tinha, quando jovem, temperamento alegre e descontraído, no entanto já demonstrava propensão para comandar

homens e o desejo de liderar. Foi, assim, criado em uma atmosfera de artistas e pessoas ligadas às artes. Ele tinha também forte ligação com a mãe e a irmã.

O ponto de inflexão de sua juventude ocorreu quando em 1880, com 9 anos de idade, juntamente com um amigo mais velho da família, visitou a base naval de Portsmouth e ficou deslumbrado com os marinheiros em seus vistosos uniformes e belos navios, bem conservados e limpos. Disse a esse seu amigo que “aquilo era exatamente o que ele gostaria de ser”.⁴

Seu desempenho escolar foi sofrível, uma vez que detestava sua escola secundária, St Martin School, em Windsor, tendo especial horror ao estudo de latim, grego e matemática. A ida para a Marinha o afastaria daquele mundo escolar que lhe desagradava.

Seu irmão Arthur Richmond disse sobre Herbert o seguinte:

Quando garoto, ele [Herbert] recebeu ajuda de nosso pai para desenvolver seus talentos de pintura. [...] Sua escolha pela Marinha, me disse, foi acidental. [...] ele sempre em sua vida estava possuído de uma verve criativa. Mesmo como cadete não mantinha seu livro texto intacto. Ele tinha a necessidade de ilustrá-lo e desenhá-lo e, mesmo naquele tempo, era um grande escritor de cartas [...] Por natureza tinha que procurar a perfeição.⁵

Em 1883, em sua primeira tentativa para entrar para a Marinha, não foi aprovado.

³ ALMEIDA, Francisco Eduardo Alves de. “A trajetória de um historiador esquecido: Sir Herbert Richmond e o Poder Naval britânico, 1905-1945”. *Revista Marítima Brasileira*. Rio de Janeiro: Serviço de Documentação da Marinha, v.129, n. 04/06, p. 24-35, abr/jun, 2006.

⁴ MARDER, Arthur. *Portrait of na Admiral. The Life and papers of Sir Herbert Richmond*. London: Jonathan Cape, 1952, p. 16.

⁵ TREVELYAN, George. *Admiral Herbert Richmond, 1871-1946. Proceedings of the British Academy*. London: Geoffrey Cumberlege, v.xxxii, 1946, p. 4.

No ano seguinte, finalmente foi admitido e em 1885 entrou oficialmente para a Marinha britânica como cadete no Navio-Escola *Britannia*.

Primeiros tempos na Marinha Real

O historiador naval Lisle Rose comentou que a vasta maioria dos oficiais da época vitoriana e eduardiana estava convencida de que tradição, arrogância e indolência constituíam a melhor educação⁶. A entrada na Escola Naval era realmente um grande desafio. O aspirante deveria provir de uma família abastada que pudesse pagar anualmente 700 libras, uma verdadeira fortuna na época, para manter-se no *Britannia*⁷. Herbert provinha de uma família de posses e permaneceu no *HMS Britannia*⁸ por dois anos, sendo designado aspirante em 1887 para se agregar ao *HMS Nelson*⁹, capitânia do Esquadrão Australiano.

Em 1892 Herbert, já capitão-tenente¹⁰, serviu no Serviço Hidrográfico durante dois anos; no entanto, em razão da demora nas promoções nesse serviço, solicitou sua trans-

ferência para a Escola de Torpedos. Dessa escola foi mandado servir no Mediterrâneo em três navios seguidos: os *HMS Empress of India*, *Ramillies*¹¹ e *Canopus*¹². Seu interesse pela história começou nesse período.

Em 1899 foi designado para o Esquadrão do Canal a bordo do *HMS Majestic*¹³, lá permanecendo até 1903. No início desse ano foi promovido a capitão de fragata¹⁴, com “apenas” 11 anos no posto de capitão-tenente¹⁵, o que significava um avanço em relação aos seus colegas, que podiam permanecer até 20 anos nessa graduação.

No ano seguinte, foi designado imediato do *HMS Crescent*¹⁶, capitânia do Contra-Almirante John Durnford, comandante do Esquadrão do Cabo da Boa Esperança, por dois anos. Nessa função Herbert se destacou sobremaneira, tendo um oficial sob as suas ordens dito que Richmond era “o melhor oficial superior que ele conhecera”.¹⁷

Em dezembro de 1906 foi designado para servir como assistente do Almirante Sir John Fisher, primeiro lorde do Mar e grande reformador da Marinha Real britânica. Para Richmond foi um período de muita

⁶ ROSE, Lisle. *Power at Sea. The Age of Navalism, 1890-1914*. Columbia: University of Missouri Press, 2007, p. 28.

⁷ Ibidem, p. 28.

⁸ O *HMS Britannia* era um navio-escola que servia como local de treinamento para jovens candidatas a oficial na Marinha Real britânica. HMS significa *Her Majesty Ship* (Navio de Sua Majestade).

⁹ O *HMS Nelson* era um cruzador protegido misto, vapor e vela, de 7.630 toneladas, armado com quatro canhões de 10 polegadas. Fonte: ARCHIBALD, E.H.H. *The Metal Fighting Ships in the Royal Navy 1860-1970*. New York: Arco Publishing, 1971, p. 48.

¹⁰ Na Marinha britânica o posto é *lieutenant*.

¹¹ O *HMS Empress of India* e o *Ramillies* eram encouraçados de mesma classe, lançados ao mar em 1891 e 1892, deslocando 15.585 toneladas, com quatro canhões de 13.5 polegadas e dez de 6 polegadas. Fonte: Ibidem, p. 33.

¹² O *HMS Canopus* era um encouraçado lançado ao mar em 1897, deslocando 12.950 toneladas, armado com quatro canhões de 4 polegadas e 12 de 6 polegadas. Fonte: Ibidem, p. 62.

¹³ O *HMS Majestic* era um encouraçado de 14.900 toneladas, armado com quatro canhões de 12 e 12 de 6 polegadas. Fonte: Ibidem, p. 62.

¹⁴ Em inglês, *commander*. Naquela ocasião, a Marinha Real não possuía o posto de capitão de corveta, *lieutenant-commander*, posto intermediário entre o de *lieutenant* e o de *commander*.

¹⁵ MARDER, op.cit, p. 17.

¹⁶ O *HMS Crescent* era um cruzador protegido de 7.700 toneladas, armado com um canhão de 9.2 e 12 de 6 polegadas. Foi incorporado em 1892. Fonte: ARCHIBALD, op.cit. p. 107.

¹⁷ Tratava-se do futuro Vice-Almirante Bowden Smith. Fonte: MARDER, op.cit. p. 17.

aprendizagem, pois participou das grandes mudanças revolucionárias efetuadas por Fisher na Marinha. Ele fazia parte de um grupo de oficiais muito estimados por Fisher, que os considerava os futuros chefes da Marinha britânica.¹⁸

Richmond viria posteriormente a se afastar de Fisher, quando esse almirante não aceitou criar um estado-maior naval, receoso de perder o seu enorme poder na questão do planejamento estratégico da força, e na previsível perda de influência de seus colegas do Almirantado. Richmond era um firme advogado da criação desse estado-maior. Sua opinião era que o estado-maior naval devia assistir ao Almirantado, provendo os planos de guerra baseados em seus próprios estudos e coordenados com o recentemente criado Comitê de Defesa Imperial. A Divisão de Inteligência Naval proveria as informações necessárias para a formulação estratégica naval. Acreditava que, com essa estrutura, não “dependeria da energia de apenas um homem”¹⁹, conforme suas palavras, referindo-se ao centralismo exacerbado de Lorde Fisher.

No ano de 1907 Richmond casou-se com Elsa Bell, filha de um magnata da indústria de aço, Sir Hugh Bell. Lady Richmond diria anos depois: “Quando ele me cortejava, a única coisa que me lembro de nossa conversa era o seu fervor na formulação de um estado-maior naval”.²⁰ Os sete anos que se seguiram a seu casamento foram os melhores de sua vida. Estava prestigiado na car-

reira, sua vida familiar era alegre e seus amigos, muito queridos por ele. Seu cunhado e particular amigo, o historiador e professor da Universidade de Cambridge George Trevelyan, comentando anos depois esse período, diria:

A casa dos Bell na Rua Sloane 95 e sua casa de verão em Yorkshire eram centros de uma grande sociedade de primos e amigos, na qual Herbert era o favorito. Ele [Richmond] adorava a vida social de Londres e, em Yorkshire, se dedicava a qualquer coisa que estivesse acontecendo: a caça, o tiro ao alvo, a dança, a patinação no gelo, a representação de peças e todas as atividades campestres. Era um tipo da vida inglesa que não conhecera anteriormente, e ele adorou cada minuto dela.²¹

Herbert e Elsa tiveram cinco filhos (quatro mulheres e um homem). A primeira foi Mary Florence, nascida em 1908, seguida de Bridget Horatia, em 1910; Valentine, em 1912; William Herbert Lowthian, em 1918, e, por fim, Eleanor Faith, em 1923.

No final de 1908 Richmond foi promovido a capitão de mar e guerra²² e designado para o estado-maior do Almirante William May, comandante em chefe da Home Fleet²³. Alguns meses depois, foi indicado para assumir o seu primeiro comando no mar, o do navio mais poderoso da Armada Real, o célebre *HMS Dreadnought*.²⁴

¹⁸ Os oficiais que faziam parte desse círculo eram chamados de oficiais do *Fish Pond*, uma corruptela para a “lagoa do peixe”, uma expressão usada na época para designar os protegidos de Fisher. Fonte: HUNT, op.cit. p. 6.

¹⁹ SCHURMAN, Donald. *The Education of a Navy*. London: Cassell, 1965, p. 123.

²⁰ MARDER, op.cit. p. 18.

²¹ TREVELYAN, op.cit. p. 6.

²² Na Marinha britânica, *captain*.

²³ Home Fleet era a esquadra localizada no norte do Reino Unido, a mais poderosa das esquadras britânicas.

²⁴ O *HMS Dreadnought* era o encouraçado mais moderno da época. Certamente Fisher teve participação direta nessa nomeação de Richmond. Fonte: ARCHIBALD, op.cit. p. 67.

Richmond, ao assumir o comando desse navio, determinou que os oficiais embarcados aprendessem alemão e lessem o periódico *Marine Rundschau*, da Marinha germânica, uma vez que estava convencido de que uma guerra com a Alemanha ocorreria cedo ou tarde. Ele não gostava da rotina administrativa excessivamente burocrática da Marinha, preferindo concentrar-se no estudo da tática e da estratégia. Era também um oficial de pontos de vista firmes, o que nem sempre agradava aos almirantes, que viam nessa atitude um desprezo pela disciplina, hierarquia e unidade de pensamento. Richmond, certamente, demonstrava sua insatisfação com certas decisões emanadas dos altos níveis, que considerava irreais e com pouca fundamentação técnica. Não era raro ver Richmond clamar abertamente que muitos almirantes eram amadores travestidos de chefes, com pouca imaginação, afastados do realismo quando abordavam a tática e a estratégia²⁵. Além disso, afirmava que pior que ser amador era não permitir que as ideias originais florescessem, especialmente de oficiais mais modernos, naturalmente com grande espírito ofensivo, entusiasmo e originalidade.

Richmond criticava também a preocupação excessiva dos almirantes com o que se chamava de *spit and polish*²⁶, em detrimento dos exercícios táticos. Para corroborar essa visão de Richmond, Lisle Rose afirmou que, nos anos 80 e 90 do século XIX, um almirante inglês julgava a eficiência de um navio de Sua Majestade pela limpeza de sua luva branca ao final de uma inspeção²⁷. Em 1890, a mania generalizada de limpeza e arrumação alcançava o ponto ridículo e perigoso de afastar qualquer exercício que sujasse o navio.²⁸ Richmond se

rebelou exatamente contra isso. Para ele, o estudo da guerra era negligenciado pelos chefes, preocupados em manter os navios limpos, com os desfiles navais e a prática pura e simples da artilharia, sem nenhuma análise dos resultados. No Almirantado não existia nenhuma seção preocupada com os planos de guerra e com a educação dos futuros chefes navais, segundo sua visão. Pode-se imaginar a antipatia que criou com os chefes que o viam como arrogante e indisciplinado. Seus colegas tampouco eram poupados. Disse ele, em 1909: “Parece-me que todos, de capitão de mar e guerra até o marinheiro mais moderno, necessitam de aplausos, ou de uma batida nas costas, um cumprimento por qualquer coisa que façam... oficiais deveriam fazer o seu trabalho sem aplausos”.²⁹

Richmond se frustrou com o comandante em chefe da Home Fleet, Almirante Sir William May, seu chefe direto, durante o seu período de comando. Considerava May despreparado para o exercício de tão alta função. Disse ele o seguinte:

Eu queria que ele [May] discutisse comigo, que destruísse meus argumentos se estivessem errados, concordasse se estivessem certos, e se correspondesse com o Almirantado, em caso de discordância com suas opiniões. O Almirantado, então, poderia apontar falhas ou acertos, mas, pelo amor de Deus, permita-nos clareza de pensamento e permita que a mente do comandante em chefe esteja absolutamente clara como cristal sobre tudo o que iremos fazer e por que estaremos fazendo aquilo. Sem

²⁵ MARDER, op.cit. p. 20.

²⁶ *Spit and polish* era uma expressão que significa “cuspir e limpar”, isto é, uma ênfase exagerada com a aparência, em detrimento do treinamento para a guerra.

²⁷ ROSE, op.cit. p. 28

²⁸ Ibidem, p. 29.

²⁹ Diário de Herbert Richmond de 11 de abril de 1909, em Cromarty Firth. Fonte: MARDER, op.cit. p. 48.

discussão isso me parece impossível, e sem estudo não haverá discussão, mas ele [May] não tem estudado nada.³⁰

Richmond considerava May com pouca imaginação, afirmando que esse almirante passava horas discutindo aspectos menores da tática e dos exercícios realizados, criticando os navios pela incompreensão dos sinais táticos enviados e na forma como os navios eram manobrados³¹, esquecendo, no entanto, de analisar a qualidade dos treinamentos e de que forma a esquadra deveria ser utilizada para enfrentar os alemães, que, ele acreditava, seriam os próximos adversários.

Richmond, apesar desses atritos com oficiais mais antigos, foi muito considerado por seus oficiais. O futuro Vice-Almirante Kenneth Dewar, cuja amizade com ele se iniciou a bordo do *Dreadnought*, disse o seguinte:

Ele [Richmond] era um tipo de oficial que eu nunca tinha encontrado. Além de ser um competente imediato, era um fenômeno raro na Marinha, sendo também um estudante de história. Servi com bons comandantes, mas H.W. Richmond era

mais que isso. Ele encorajava a se pensar e olhar além dos limites finitos da vida de bordo[...] Richmond desenvolveu um instinto tático e estratégico, estudando os acontecimentos da guerra.³²

Em março de 1911, ao terminar seu tempo de comando, Richmond foi enviado para comandar um antigo cruzador de segunda classe, o *HMS Furious*, e depois o *HMS Vindictive*³³, quase como um castigo por suas observações, consideradas impertinentes pelos superiores. Se por um lado essa comissão era desprestigiada, por outro permitia que aceitasse a incumbência de Sir John Knox Laughton para editar pelo Naval Records Society³⁴(NRS) o volume *The Loss of the Minorca 1756*³⁵, o que lhe trouxe muito gosto e alegria, tendo sido publicado em 1913. Nessa obra, Richmond discutiu na introdução o desastre da perda da Minorca para os franceses na Guerra dos Sete Anos, por parte do almirante inglês Byng, o que acabou levando a seu fuzilamento posterior, um caso raro na Marinha Real. Richmond, comentando essa campanha, disse: “Ela enuncia alguns pontos de estratégia que são verdadeiros hoje [em 1913], como foram quando escritos [em 1756]”.³⁶

³⁰ Diário de Herbert Richmond de 22 de junho de 1909, em Cromarty Firth. Fonte: *Ibidem*, p. 53.

³¹ MARDER, op.cit. p. 68.

³² DEWAR, Kenneth. *The Navy from within*. London: Gollancz, 1939, p. 115.

³³ Ambos os navios, o *HMS Furious* e o *Vindictive*, eram da mesma classe, incorporados em 1896 e 1897, deslocando 5.750 toneladas e armados com dez canhões de 6 polegadas. Fonte: ARCHIBALD, op.cit. p. 101.

³⁴ A Naval Records Society foi fundada pelo eminente professor de história naval do King's College, Sir John Knox Laughton, em 1893. Essa sociedade tinha a tarefa de servir à Marinha e ao Estado no campo da história naval, publicando documentos e obras que descrevessem eventos e estudos da história marítima britânica. Alguns de seus membros foram o Príncipe Louis de Battenberg, Reginald Custance, Alfred Thayer Mahan, William Clowes, o próprio Herbert Richmond, Julian Corbett, Joseph Chamberlain, o Duque de Norfolk, George Sydeham Clarke, Caspar Goodrich, Phillip Colomb, Montagu Barrows e Sir John Seeley, entre alguns intelectuais. Essa sociedade existe até hoje e tem produzido obras importantes de história, congregando os principais historiadores navais ingleses. Fonte: LAMBERT, Andrew. *The Foundations of Naval History. John Knox Laughton, the Royal Navy and the historical profession*. London: Chatham Publishing, 1998, p. 142.

³⁵ RICHMOND, Herbert William. *Papers relating to the Loss of Minorca in 1756*. v. XLII, London: Naval Records Society, 1913.

³⁶ *Ibidem*, p. 151.

Nos anos de 1911 e 1912, Richmond encontrou tempo para ministrar palestras na Escola de Guerra Naval Real (EGN-GB), em Portsmouth, afirmando que, apesar da mudança tecnológica nas armas e métodos, existiam “princípios” que derivavam do passado que poderiam ser aplicados na guerra naval moderna, demonstrando aproximação com as ideias de Alfred Mahan.

Um de seus alunos ainda se lembra das palestras ministradas por Richmond. O futuro Almirante Roger Bellairs disse:

Era um prazer para nós, estudantes, sabermos que Richmond ia ministrar as aulas. Tínhamos certeza que seria apresentado um panorama importante para a história naval do futuro. Depois da aula haveria uma discussão livre e aproveitaríamos de seu vasto conhecimento, baseado na grande quantidade de leitura histórica, combinada com sua grande facilidade de expressão e a ansiedade de todos nós.³⁷

Pouco antes de transmitir o comando do *Vindictive*, Richmond imaginou criar uma sociedade que, além de estimular a criatividade e influenciar a educação dos jovens oficiais, permitiria que eles pudessem publicar artigos, sem as peias regulamentares que restringiam a livre discussão de temas de tática, estratégia e política naval. Seu propósito seria promover o avanço e a disseminação, dentro da Marinha Real, de conhecimentos relevantes aos maiores aspectos da profissão naval³⁸. Dessa forma, convidou diversos colegas para juntos criarem a *Naval Society*³⁹. Esse grupo temia a

interferência e proibição do Almirantado em publicar artigos em um periódico que circularia entre os membros da sociedade. Assim, imaginou-se uma sociedade privada, com um periódico também privado, com circulação restrita, mantendo a anonimato dos autores por meio do uso de pseudônimos, de modo a evitar retaliações contra aqueles que criticassem a situação vigente na Marinha.

Reuniões formais da sociedade foram logo descartadas como impraticáveis; no entanto, para manter um periódico circulando, era necessário estipular anuidades, inicialmente de 2 libras por membro associado.⁴⁰ Para atuar como editor-chefe, foi escolhido um oficial general de prestígio que, de uma certa forma, serviria como para-choques das críticas providas do Almirantado: o Almirante William Henderson, que também seria o tesoureiro da sociedade. Seriam aceitas inscrições para membro associado até o posto de capitão-tenente, sendo posteriormente estendidas para todos os oficiais da Marinha Real. Entre a fundação da sociedade, em outubro de 1912, e a distribuição do número 1 do periódico, que recebeu o nome de *Naval Review*, no início de 1913, o número de associados subiu de oito para 60. Em janeiro de 1914 atingiu 596; em setembro daquele ano, 722; e no Natal de 1915, 1.260 membros.⁴¹

Richmond tinha consciência de que estava mexendo em um vespeiro ao não submeter o *Naval Review* à crítica do Almirantado. Em seu diário escreveria: “O que desejo desenvolver é o hábito mental de compreender os assuntos, indo a fundo na aná-

³⁷ MARDER, op.cit. p. 21.

³⁸ *Naval Review*, n. 1, v. 96, fevereiro/2008, p. 1.

³⁹ Os membros fundadores da *Naval Society* eram os seguintes oficiais: Capitão de Mar e Guerra Herbert Richmond; Capitães de Fragata Kenneth Dewar e Drax Plunkett; Capitães-Tenentes Ralph Bellairs, T. Fisher e H. Thursfield; Capitão dos Fuzileiros Reais E. Harding e o Almirante W. Henderson como editor. Essa sociedade existe até hoje e contava com 2.464 membros em agosto de 2007. Este autor é membro associado desde 2004. Fonte: *Naval Review*. N. 3, v. 95, agosto, 2007, p. 205.

⁴⁰ HUNT, op.cit. p. 33.

⁴¹ *Ibidem*, p. 34.

lise, evoluindo para estabelecer princípios e disseminando o interesse no melhor lado de nosso trabalho. Eu imagino o que as autoridades dirão quando o periódico for lido por elas⁴². Richmond certamente gostava da provocação e do embate.

Nos anos que se seguiram, o *Naval Review* sofreu diversas censuras, principalmente no período de guerra, entre 1914 e 1918, por temor de se revelarem planos de campanha, possíveis operações, o estado de espírito e a moral das forças navais aliadas. Richmond, em todas as ocasiões, tentou refutar essas alegações, na maioria das vezes sem sucesso. O que mais o preocupou foi a censura não especificada, sem justificativas e explicações. O artigo era censurado e ponto final! Richmond acreditava, em realidade, que as censuras eram motivadas pela própria incapacidade do Almirantado em conduzir a guerra corretamente. Assim, aquelas esconderiam suas próprias deficiências.⁴³ Nesse ponto, Richmond estava certamente correto, pois dois artigos do *Naval Review* foram censurados pelo Almirantado por exporem deficiências marcantes na condução da guerra. O primeiro tratou do desastre britânico na Batalha de Coronel, em 1914, quando foi morto em combate o almirante inglês Sir Christopher Cradock⁴⁴. O segundo, já em 1919, foi um virulento artigo sobre a escapada do *Goeben e Breslau* no Mediterrâneo, fruto da incapacidade britânica de blo-

quear os dois navios. Nesse caso específico, o autor foi descoberto e devidamente repreendido, apesar dos protestos veementes de Richmond e dos editores.⁴⁵

Seja como for, o *Naval Review* sobreviveu à guerra e continua até hoje a ser um fórum de discussão de assuntos navais, sem censuras, utilizando ainda pseudônimos para os autores com as mesmas motivações do passado. Hoje a Marinha britânica convive bem com esse periódico.

O *Naval Review* foi também o veículo de discussão de um movimento que atingiu a Marinha britânica naquele início do século XX, formado por jovens oficiais até o posto de capitão de mar e guerra. Esse grupo de oficiais foi chamado de “jovens turcos” e tinha o propósito de reformular os procedimentos ultrapassados que governavam a Marinha naquele período. Esses jovens oficiais acreditavam que os velhos almirantes impediam o desenvolvimento do poder naval britânico, com suas ideias ultrapassadas e antiquadas. Propugnavam uma mudança geral na organização naval e na forma como a guerra deveria ser conduzida⁴⁶. Richmond era um dos líderes desse movimento renovador.

Com o desenrolar da guerra de 1914, os “jovens turcos” passaram a criticar abertamente a postura defensiva e cautelosa do primeiro lorde do Mar e ex-comandante das forças navais inglesas na Batalha da Jutlândia, Almirante Lorde Jellicoe. A campa-

⁴² Diário de Herbert William Richmond, datado de 27 de outubro de 1912, a bordo do *HMS Vindictive*. Fonte: MARDER, op.cit. p. 89.

⁴³ HUNT, op.cit. p. 38.

⁴⁴ O Almirante Sir Christopher Cradock tem uma forte ligação com a história naval brasileira, pois era o comandante da Canhoneira *HMS Dolphin* em 1892 no Mar Vermelho, quando auxiliou os náufragos brasileiros do Cruzador-Escola *Almirante Barroso* em plena viagem de instrução de guardas-marinha, quando afundou próximo a Rãs Zeitti, na Península Arábica. Fonte: MENDONÇA, Lauro Furtado. “A Marinha Imperial”. In: *História Naval Brasileira*. 4.v. Rio de Janeiro: Serviço de Documentação da Marinha, 2001.

⁴⁵ ROSKILL, Stephen. The Richmond Lecture. *Naval Review*. London: Naval Society, v. LVII, N. 2, abr, 1969, p. 138.

⁴⁶ HUNT, op.cit. p. 57.

nha que fizeram para a sua remoção, apesar de justificada e coroada de sucesso, não foi bem recebida nos meios navais, que a consideraram virulenta demais contra um almirante que, apesar das limitações pessoais, ainda era um oficial-general da Armada Real e, assim, merecedor de todas as considerações. Ao terminar a guerra, disse o historiador Barry Hunt, “os jovens turcos foram vistos como párias... e seus métodos, e não seus motivos, é que foram mais lembrados”.⁴⁷

Em fevereiro de 1913, Richmond foi designado assistente do diretor de Operações no recentemente criado Estado-Maior Naval. Esse foi um período de muito desgaste para ele, pois chocou-se diretamente com seus chefes em virtude de “erros de preparação”⁴⁸, segundo ele, nos planos de guerra sendo delineados. Richmond afirmava que a preparação para a guerra não significava somente construir um grande número de navios e armá-los com munição e homens. Preparação para a guerra, de acordo com o seu pensamento, significava estudar como esses navios deveriam ser empregados ofensivamente contra os inimigos e defensivamente para proteger o Império. Para isso a preparação dos oficiais deveria ser revista, com ênfase no estudo da guerra e não nos aspectos puramente materiais e tecnológicos. Além disso, considerava que o Esta-

do-Maior Naval recém-criado não era em realidade um estado-maior, pois não assessorava o Almirantado e seu trabalho era infrutífero. Ao eclodir a guerra, Richmond se encontrava nessa função que muito lhe desagradava. Comentando em seu diário sobre esse período, disse o seguinte:

Faz-me doente ver a guerra ser conduzida dessa forma. Não há o vislumbre dos básicos princípios de emprego eficaz de for-

Richmond afirmava que a preparação para a guerra não significava somente construir um grande número de navios e armá-los com munição e homens, e sim estudar como esses navios deveriam ser empregados ofensivamente contra os inimigos e defensivamente para proteger o Império

ças navais, e ninguém tem o estofo ou pelo menos o conhecimento para impedir esses esdrúxulos projetos de serem conduzidos[...] Leveson [o diretor de Operações] teve sucesso em me isolar completamente. Ele não me consulta, nem me pergunta nada... minha posição está insustentável[...] não há nenhum navio para onde possa ir, assim devo sentar aqui e aceitar qualquer coisa que ele desejar jogar sobre mim[...] não há dúvida

de que nós somos os mais horríveis amadores que em algum tempo tentaram conduzir a guerra[...] não treinamos os nossos oficiais nos princípios de guerra, nem os fazemos concentrar em como conduzir a guerra.⁴⁹

A Marinha britânica, no início da Grande Guerra, em 1914, era dirigida por Winston Churchill, como primeiro lorde do Almiran-

⁴⁷ Ibidem, p. 81.

⁴⁸ MARDER, op.cit. p. 21.

⁴⁹ Diário de Herbert Richmond de 14 de agosto, 17 e 24 de setembro de 1914, escrito no Almirantado. Fonte: Ibidem, p. 99, 108 e 110.

tado,⁵⁰ e pelo venerado e idoso almirante de 73 anos de idade lorde Jack Fisher, primeiro lorde do Mar, que regressava a essa função depois de sua reserva em 1910. Substituiu o Príncipe de Battenberg, primeiro lorde do Mar em 1914, injustamente acusado de ser germanófilo por opositores⁵¹.

Churchill, de índole autoritária, se imiscuía nos assuntos operacionais, tudo controlando e tudo decidindo. Por características pessoais, era dotado de grande espírito ofensivo e excessivamente impulsivo, ao mesmo tempo em que Fisher, já abatido pela idade, não tinha o mesmo poder e a mesma disposição do passado, tudo aceitando.

O fracasso aliado nos Dardanelos veio realçar essas deficiências. Churchill partiu inicialmente da premissa de que, com navios poderosos, poderia dobrar a resistência turca em Gallipoli. Esqueceu que navios são incapazes de tomar objetivos terrestres. Em seguida, quando decidiu empregar forças terrestres, o desembarque anfíbio já estava comprometido, além de ter sido malconduzido. O desastre foi total, culminando

com grande número de baixas nos aliados e, posteriormente, a retirada das forças da península. Richmond não ficou indiferente a esse fiasco naval. Ele disse: “Winston não entende de estratégia naval. Ele nunca leu nada a respeito. Imagina que pode aplicar algumas regras mnemônicas derivadas

de livros militares, todos traduzidos de expressões navais”.⁵² Sobre Fisher não foi mais benevolente. Disse o seguinte de seu ex-chefe:

Ele [Fisher] está pavimentando o caminho para a derrota. E este é o mestre que seus admiradores nos fizeram acreditar ser bem dotado em estratégia! Em realidade ele nada faz. Ele vai para casa e dorme à tarde. Está velho, cansado e nervoso. É triste colocar os desti-

nos do Império nas mãos de um velho homem decadente, ansioso por popularidade, temeroso que algum acidente co-lique abaixo seus planos. É triste.⁵³

Richmond incomodava Churchill e, assim, deveria sair do Almirantado. Em maio de 1915, foi designado para ser oficial de

A Marinha britânica, no início da Grande Guerra, em 1914, era dirigida por Winston Churchill.

Por características pessoais, era dotado de grande espírito ofensivo e excessivamente impulsivo

★ ★ ★

O fracasso aliado nos Dardanelos veio realçar essas deficiências

⁵⁰ Primeiro lorde do Almirantado é o mesmo que ministro da Marinha, e primeiro lorde do Mar o comandante Militar da Marinha.

⁵¹ O Almirante Príncipe Louis de Battenberg era um brilhante oficial de Marinha, aparentado da Rainha Vitória. Ao eclodir a guerra, Battenberg, por ter nascido na Alemanha, foi declarado germanófilo e afastado injustamente do cargo de primeiro lorde do Mar, embora tenha feito toda a sua carreira na Marinha britânica e se considerar um inglês. Esse fato foi um dos mais desabonadores para a Armada Real britânica. Battenberg foi o pai de Lord Louis de Mountbatten, tio da atual Rainha Elizabeth II e morto pelo IRA (Exército Republicano Irlandês) no ano de 1979.

⁵² Diário de Herbert Richmond de 10 de setembro de 1914, escrito no Almirantado. Fonte: *Ibidem*, p. 107.

⁵³ Diário de Herbert Richmond de 19 de janeiro de 1915, escrito no Almirantado. Fonte: *Ibidem*, p. 138.

ligação junto à Armada italiana, a bordo do Encouraçado *Cavour*, lá permanecendo até outubro, quando assumiu seu quarto comando no mar, o *HMS Commonwealth*⁵⁴, em Rosyth, agregado ao Terceiro Esquadrão de Batalha.

Richmond imaginava entrar em combate logo contra os alemães; no entanto, o seu esquadrão permaneceu realizando pequenas patrulhas e ações secundárias. O *Commonwealth* não participou da grande Batalha da Jutlândia, ocorrida em maio de 1916, para grande desgosto de Richmond. Preocupou-se com a falta de espírito ofensivo que afligia a Marinha Real, resultando na falha em destruir a Armada germânica no encontro da Jutlândia. Acreditava que, por ser superior, a Marinha britânica perdera uma chance única de destruir a sua adversária em um combate decisivo.

Nesse posto permaneceu até abril de 1917, quando assumiu seu quinto comando, o Encouraçado *HMS Conqueror*⁵⁵, subordinado a um almirante que ele muito admirava, o Vice-Almirante Sir John de Robeck, comandante do Segundo Esquadrão de Batalha. Estava Richmond feliz com os dois outros comandantes da Esquadra, o Almirante de Esquadra Sir David Beatty, comandante da Esquadra britânica, e seu chefe de estado-maior, Contra-Almirante Osmond Brock. Pela primeira vez na guerra sentia

Richmond incomodava Churchill e, assim, deveria sair do Almirantado

confiança nos chefes. Beatty inclusive era um amigo que Richmond muito admirava por seu espírito ofensivo e sua liderança em combate. Ele considerava, ao contrário, o comandante em chefe da Esquadra anterior a Beatty, Lorde Jellicoe, um despreparado. Citou o fato de Jellicoe nunca ter lido um livro de estratégia antes da guerra de 1914, até ter lido *The Influence of Sea Power upon History*, de Mahan. Ao lê-lo, Jellicoe mencionou a Beatty, com alegria, uma citação de Nelson, como se fosse uma nova descoberta no campo da estratégia naval. Beatty, muito polidamente, retrucou dizendo que aquela citação de Nelson era repetida inúmeras vezes por Mahan em seu livro seguinte, *The Life of Nelson*, não sendo, assim, nenhuma novidade⁵⁶. Richmond ridicularizava a “descoberta” de

Jellicoe como infantil e primária!

Nessa comissão a bordo do *Conqueror* permaneceu até abril de 1918, quando foi designado diretor da recentemente criada divisão de treinamento no Almirantado. Sua despedida do navio foi triste e emocionante. Disse que ao desembarcar “estava muito tocado. A tripulação me festejou e cantou músicas de despedida. Foi muito tocante e eu não merecia tudo aquilo, mas adorei mais do que as palavras podem descrever. Um excelente grupo de companheiros”.⁵⁷

Imediatamente procurou implementar melhoramentos no treinamento de oficiais

⁵⁴ O *HMS Commonwealth* era um encouraçado pré-*dreadnought* construído em 1903, deslocando 16.350 toneladas e armado com quatro canhões de 12, 4 de 9.2 e 10 de 6 polegadas. Fonte: ARCHIBALD, op.cit. p. 67.

⁵⁵ O *HMS Conqueror* era um belo encouraçado *super-dreadnought* construído em 1911, deslocando 22.500 toneladas e armado com dez canhões de 13.5 e 16 de 4 polegadas. Fonte: Ibidem, p. 74.

⁵⁶ Diário de Herbert Richmond de 15 de maio de 1917, a bordo do *HMS Conqueror*. Fonte: MARDER, op.cit. p. 251.

⁵⁷ Diário de Herbert Richmond de 10 de abril de 1918, a bordo do *HMS Conqueror*. Fonte: MARDER, op.cit. p. 309.

e praças. Uma de suas ideias era permitir o acesso de alunos provenientes de escolas públicas ao corpo de oficiais, o que não era permitido à época. Suas ideias, no entanto, eram muito avançadas para aquele período, e a tradição falou mais alto. A maioria dos almirantes no Almirantado, além de não simpatizar com Richmond como pessoa, não tinha simpatias por concepções não ortodoxas.⁵⁸

Uma de suas ideias, no entanto, foi aceita depois do término da guerra. Para o caso de subtenentes⁵⁹ que tiveram a sua educação limitada pela guerra, podiam ser mandados para a Universidade de Cambridge para complementar os seus estudos interrompidos.

Durante esse seu período no Almirantado, teve alguns atritos com o novo primeiro lorde do Mar que substituíra Lorde Jellicoe, o Almirante Wemyss, que, inclusive, foi contra a sua designação para aquela função.

A grande preocupação da Marinha britânica desde 1915 era o grande número de afundamentos de navios mercantes aliados por submarinos alemães. Somente com o estabelecimento de comboios, escoltados por contratorpedeiros, foi possível diminuir os torpedeamentos e aumentar a destruição dos submarinos inimigos. Richmond, ainda

sem compreender o alcance que a guerra submarina teria na conduta da campanha naval, comentou o seguinte:

Que tipo de guerra é essa guerra naval? Não se trata mais de uma guerra de cavaleiros. Trata-se de uma guerra de astúcia, de enganar, de contrabandistas, de bandidos, de subornos, de bandeiras nacionais falsas, de navios travestidos, de oficiais disfarçados, todos agindo sorrateiramente. Tudo o que possa existir a respeito de honra desapareceu com o submarino, tudo o mais naufragou. É repugnante.⁶⁰



Almirante Herbert William Richmond

Richmond teve um grande dissabor nessa comissão. Em certo almoço de serviço, em julho de 1918, com o primeiro lorde do Almirantado, Eric Geddes, não concordou com a opinião des-

político a respeito do modo como a educação naval estava sendo conduzida. Imediatamente, houve forte reação de Geddes, que levantou ameaçadoramente o dedo em riste contra Richmond. Incontinentemente, Richmond contra-argumentou, dizendo que havia muito tempo que estava na Marinha para entender o que era disciplina, obediência e subserviência, que sempre preservou seu julgamento em qualquer questão e que não mudaria a sua opinião, apesar da rudeza do primeiro lorde.

⁵⁸ TREVELYAN, op.cit. p. 8.

⁵⁹ O posto de subtenente corresponde ao de segundo-tenente na Marinha brasileira.

⁶⁰ Diário de Herbert Richmond de 30 de junho de 1915, no Mar Adriático. Fonte: MARDER, op.cit. p. 178.

Seguiu-se um período de silêncio e constrangimento. Geddes imediatamente alterou o seu tom de voz e mudou o assunto para o preço dos charutos na Inglaterra, desanuviando o ambiente⁶¹. O mal, no entanto, estava feito. Era mais um inimigo de Richmond que surgia. Deve ser considerado, no entanto, que Richmond tinha coragem moral para discordar de qualquer pessoa, fosse ela quem fosse, mesmo se essa pessoa fosse o primeiro lorde do Almirantado. Logo que pôde, Geddes viria a afastar Richmond dessa função, o que ele já imaginava.

Em janeiro de 1919, já terminada a guerra, Richmond foi dispensado, como esperado, e mandado assumir seu sexto comando no mar, o *HMS Erin*⁶², no Segundo Esquadrão de Batalha. Lá permaneceu até novembro de 1919. As promoções passaram a ser mais lentas com o fim do conflito; além disso, não contava com a simpatia de muitos almirantes e políticos que o viam como um indisciplinado e prepotente, embora muitos o reconhecessem como um competente profissional.

Richmond começou a se preparar para deixar o serviço ativo, pois tinha certeza de que seria preterido a almirante. Um dos contatos que teve foi com o seu amigo Sir Julian Corbett, que lhe ofereceu o cargo de professor de História na Universidade de Cambridge, o qual não aceitou por razões pessoais⁶³. Outro convite que muito o tentou foi para assumir uma função executiva no negócio de petróleo na Companhia

Anglo-Persa, no entanto esse convite coincidiu com a nomeação de seu amigo Lorde Beatty para ser primeiro lorde do Mar em janeiro de 1920. Esperava ser chamado para trabalhar com ele no Almirantado.

Ao invés de ser chamado para o Almirantado, foi promovido a contra-almirante, com o apoio de Beatty, que o escolheu para dirigir a Escola Naval Real (EGN-GB) em Greenwich. Iniciava Richmond uma nova fase de sua carreira naval e intelectual.

O almirante e o intelectual

Logo ao assumir sua nova função, Richmond ficou encarregado de reiniciar o curso de Guerra Naval para oficiais superiores, interrompido desde o início da guerra, em 1914.

Oficialmente a Escola Naval Real (EGN-GB)⁶⁴ foi estabelecida em Greenwich em 1873, no entanto os seus currículos eram voltados basicamente para o estudo técnico. O propósito dessa escola era estreitar os laços com as universidades, e os cursos oferecidos para os oficiais com patentes acima de subtenente eram voltados para a técnica em detrimento da estratégia e da história. Das 13 disciplinas oferecidas apenas uma lidava com história naval e tática.⁶⁵

O curso de guerra naval foi aberto oficialmente em 1900, sob a batuta de Lorde Fisher⁶⁶, que incluía o estudo da história e de estratégia. Antes dessa data, a Marinha britânica não possuía um local especifica-

⁶¹ Diário de Herbert Richmond de 18 de julho de 1918, no Almirantado. Fonte: MARDER, op.cit. p. 315.

⁶² O *HMS Erin* era um encouraçado *super-dreadnought* com 23 mil toneladas de deslocamento, armado com dez canhões de 13.5 e 16 de 6 polegadas. Fonte: ARCHIBALD, op.cit. p. 79.

⁶³ O cargo de docente para o qual foi indicado por Corbett era para a cadeira de História Vere Harmsworth, criado pelo Lorde Rothermere em homenagem a seu filho morto na Grande Guerra, em 1916. Segundo Roskill, Rothermere, um dos expoentes em Cambridge, acabou indicando outro nome, o do professor Holland Rose, que assumiu a função logo depois. Fonte: ROSKILL, *Richmond Lecture*, op.cit. p. 141.

⁶⁴ Tradução de Royal Naval College.

⁶⁵ LAMBERT, op.cit. p. 35.

⁶⁶ Na ocasião, Lorde John Fisher era segundo lorde do Mar e, assim, responsável pela Instrução e Ensino na Marinha britânica.

do para o ensino de tática, estratégia e da conduta da guerra. Presumia-se que ser promovido a almirante já era credencial suficiente nesses assuntos específicos profissionais. Nesse ano, no entanto, um curso para voluntários foi criado em Greenwich. Em 1906, o curso foi transferido para Portsmouth com duas classes anuais, com duração de três ou quatro meses cada, para voluntários dos postos de almirantes, capitães de mar e guerra e alguns capitães de fragata. As aulas consistiam de palestras, exercícios estratégicos e jogos de guerra. Existiam também aulas sobre Inteligência e de Direito Internacional; no entanto, segundo um dos instrutores do curso, Kenneth Dewar, depois almirante, “as informações transmitidas estavam todas contidas em livros de referência e tinham pouco a ver com as principais disciplinas de estratégia e tática”.⁶⁷ Nada era ensinado sobre métodos de comando em situação de crise ou guerra, e o sistema de ensino utilizado pouco fez para preparar os oficiais superiores para a guerra que se aproximava, segundo Dewar.⁶⁸

Em 1912 Winston Churchill determinou que a EGN-GB modificasse o seu currículo para treinar oficiais de estado-maior para a guerra.⁶⁹ Mudanças foram tentadas para aumentar a carga horária de História, Geografia e Operações de Guerra, além da mudança dos métodos, que passariam a ser de tutoria e não apenas discursivos. Na prática, no entanto, ênfase foi dada a tare-

fas rotineiras dos oficiais de estado-maior e não ao estudo aprofundado de novas disciplinas.⁷⁰ O primeiro grupo de oficiais nessa nova tentativa de mudança curricular reuniu-se em março de 1912 para um curso de nove meses⁷¹; entretanto, o espírito geral do curso, infelizmente, era “hostil ao trabalho criativo”, segundo Dewar⁷².

Richmond, nesse período, foi convidado para proferir palestras sobre História e Estratégia na EGN-GB. Muitos anos depois dessas aulas, um dos seus alunos, Reginald Plunkett Ernle Drax, recordaria o seguinte:

Seu julgamento [de Richmond] em assuntos de política ou estratégia nunca era relutante, e geralmente era bem à frente de seus contemporâneos... Na Escola de Guerra Naval e mais tarde no Colégio Imperial de Defesa, ele discutia princípios com uma maturidade intelectual que era reconhecida por todos. Estava sempre disposto a escutar a opinião dos alunos e, se discordassem do que era dito, procurava contra-argumentar com razões lúcidas e pertinentes.⁷³

No período de guerra, o curso foi descontinuado. O professor Andrew Lambert mencionou que “o trabalho realizado na EGN-GB antes de 1914 foi limitado, dominado por questões técnicas e houve pouca contribuição para o desenvolvimento do pensamento naval”.⁷⁴ Richmond vi-

⁶⁷ DEWAR, op.cit. p. 130.

⁶⁸ Ibidem, p. 133.

⁶⁹ Ibidem, p. 153.

⁷⁰ HUNT, op.cit. p. 31.

⁷¹ DEWAR op.cit. p. 153.

⁷² HUNT, op.cit. p. 31

⁷³ Ibidem. p. 31.

⁷⁴ LAMBERT, Andrew. “History is the sole foundation for the construction of a sound and living common doctrine: the Royal Naval College, Greenwich, and Doctrine development down to BR 1806”. In : DORMAN, Andrew; SMITH, Mike Lawrence; UTTLEY, Matthew. *The Changing Face of Maritime Power*. London: MacMillan Press, 1999, p. 47.

nha para mudar esse quadro. Voltava como presidente da Escola de Guerra para reorganizar os cursos, segundo suas próprias ideias. Sua amizade com o primeiro lorde do Mar, Earl Beatty, facilitava essa tarefa, ou pelo menos assim pensava.

Nesse ano de 1920 foi lançado no mercado editorial o seu primeiro livro de pesquisa histórica, o *The Navy in the War of 1739-1748*⁷⁵, em três volumes. O mentor desse seu trabalho foi Sir Julian Corbett. Amigo de Richmond, Corbett era um dos mais influentes historiadores navais do Reino Unido e pupilo de Sir John Knox Laughton. Corbett não só o influenciou nessa empreitada, como também o ensinou a pesquisar em fontes primárias inéditas, o que muito o ajudou em toda a sua carreira de historiador. A aproximação entre os dois se dera por ocasião de sua associação com Lorde Fisher em 1906, uma vez que Corbett era grande amigo também de Fisher, tornando-se posteriormente o historiador naval oficial da Primeira Guerra Mundial. Richmond levou muitos anos escrevendo essa obra, terminando-a em 1914; no entanto, devido à guerra, postergou o seu lançamento até 1920.

Esse livro monumental abarcou a chamada Guerra Espanhola de 1739 e a Guerra da Sucessão da Áustria, que se encerrou em 1748. Seu objeto foi a guerra naval entre as Marinhas britânica e francesa, que se estendeu por todo esse período. Essa obra, que ainda é considerada a referência para esses dois conflitos no mar, foi por ele escrita para lhe “autoagradar”, conforme suas próprias palavras.⁷⁶ Parte desse prazer foi motivado pela falta de pressão dos editores e quase como um *hobby*.

Sua pesquisa foi detalhada e extensiva nos arquivos ingleses e franceses. Utili-

zou documentos oficiais do Parlamento inglês e do Almirantado, assim como os diários de Sir John Norris e do Duque de Newcastle, ambos almirantes, além dos relatos das ações navais retirados dos livros dos navios, de relatórios de comandantes de esquadrão e de frotas navais. O que mais surpreendeu os historiadores profissionais foi o de tal livro ter sido escrito por um capitão de mar e guerra sem maiores credenciais até aquele momento e em função de atividade, geralmente embarcado em navios da Armada Real. O professor Donald Schurman assim se pronunciou a respeito dessa obra-prima de guerra naval:

O primeiro trabalho de Richmond nas guerras de 1739 a 1748 foi o mais detalhado e compreensível de seus livros. O julgamento de Corbett quando escreveu para Richmond foi que aquela foi a “sua guerra” e não alteraria uma palavra dele[...] tal produção teria sido muito bem apreciada se ela tivesse provindo da pena de um catedrático de Oxford; como um produto de um comandante da época do *Dreadnought*, foi e é um trabalho admirável. Ele foi o primeiro inglês a escrever sobre aquelas guerras inteiramente e discutir suas implicações estratégicas e táticas com um olho de historiador.⁷⁷

Em 1921 a Marinha britânica sofreu forte restrição orçamentária, e a EGN-GB foi também atingida. Dos 24 alunos do curso, 19 foram transferidos para a reserva, o que confirmou, em seu juízo, que as autoridades consideravam a escola como de valor marginal, o que acreditava ser um erro que prejudicava a preparação de futuros líderes navais. Sua amizade com Beatty não o tornava imune, como podia perceber.

⁷⁵ RICHMOND, Herbert. *The Navy in the War of 1739-1748*. Cambridge: Cambridge University Press, 1920.

⁷⁶ SCHURMAN, op.cit. p. 132.

⁷⁷ Ibidem, p. 132.

Esse seu período na escola foi marcado pela discussão em torno da Batalha da Jutlândia. Teria a batalha sido vencida pelos ingleses? Teria Jellicoe sido muito cauteloso e Beatty muito ousado? Questões que dividiram a Marinha. Richmond era amigo de Beatty e não gostava de Jellicoe, logo sua posição era de apoiar os argumentos de Beatty, embora não explicitamente. Sua atuação nesse processo doloroso foi apenas periférica. Ao final Jellicoe saiu com sua reputação arranhada⁷⁸.

Nesse período, seu grande amigo Julian Corbett faleceu, o que foi para ele uma perda pessoal. Fora, inclusive, Corbett que propusera Richmond para editar outra obra do NRS. Tratavam-se dos volumes III e IV, com os papéis e a correspondência privada de Sir George, segundo Conde Spencer, primeiro lorde do Almirantado entre 1794 e 1801. A obra levou o título de *Private Papers of George, Second Earl Spencer*⁷⁹, e os volumes foram publicados em 1923 e 1924. Corbett, naquela ocasião, estava envolvido com a grandiosa obra de escrever a história da Grande Guerra e indicara Richmond para coordenar esse trabalho.

Em fevereiro de 1923 ele deixou a presidência da escola e foi designado comandante em chefe do Esquadrão das Índias Orientais. Esse comando não era dos mais prestigiosos da Marinha, no entanto era um comando no mar, o que agradou Richmond imensamente. Seu esquadrão era composto de três cruzadores e alguns navios-auxiliares e baseado em Cingapura. A responsabilidade dessa pequena força naval era grande. Ela deveria controlar uma vasta área que ia da costa leste da África até a região de

Cingapura, incluindo todo o Mar Índico e o Golfo Pérsico, com suas linhas de comunicação vitais para o Império.

Richmond cumpriu suas tarefas muito seriamente, propondo o aumento na segurança das linhas de comunicação no Mar Índico e maior participação do Vice-Reinado da Índia no sistema imperial global de defesa. Além disso, realizou inúmeros exercícios combinados com o Exército hindu e foi palestrante costumeiro no Colégio de Estado-Maior em Quetta, na Índia.⁸⁰ Ele acreditava que o governo deveria fortificar a base de Cingapura, não apenas com armamento pesado em terra, mas principalmente com o aumento de forças navais, pois acreditava que haveria uma guerra com o Japão no futuro e que o eixo de ataque japonês seria dirigido ao Sudeste Asiático e à Índia, ao invés da Austrália e do sul do Pacífico.⁸¹ Tinha convicção de que o ataque contra Cingapura seria combinado e não somente naval. Pode-se, assim, comprovar que estava parcialmente correto, uma vez que os japoneses atacaram segundo dois eixos principais. Um de acordo com a ideia de Richmond, e outro em direção ao Pacífico Central e Sul. Quanto a Cingapura, ele estava totalmente correto.

Em 1925 Richmond deixou o seu comando e foi promovido a vice-almirante, sob a proteção discreta de Beatty, que ainda continuava como primeiro lorde do Mar. Em julho de 1926, foi elevado pelo rei a cavaleiro da Ordem do Banho⁸² e, assim, tornou-se elegível para apor antes de seu nome o título de *sir*. Nesse ano também recebeu a Medalha de Ouro Chesney da RUSI, distinção previamente conferida a

⁷⁸ HUNT, op.cit. p. 118.

⁷⁹ RICHMOND, Herbert. *Private Papers of George, Second Earl Spencer*. 2 vol. London: Naval Records Society, 1923/1924, v. III / IV.

⁸⁰ ROSKILL, Richmond Lecture, op.cit. p. 141.

⁸¹ HUNT, op.cit. p. 138.

⁸² O título em inglês é Knight Commander of the Order of the Bath (KCB).

apenas um oficial de Marinha, Alfred Thayer Mahan, pela qualidade de sua obra *The Navy in the War of 1739-1748*. Em setembro desse ano, foi novamente brindado por Beatty, ao ser nomeado primeiro comandante do recém-inaugurado Colégio Imperial de Defesa (CID)⁸³, que iniciaria suas atividades em janeiro de 1927.

A tarefa principal dessa instituição era congregar os oficiais de média patente, oficiais superiores das três Forças Armadas (Marinha, Exército e Força Aérea), juntamente com civis funcionários governamentais, aptos a disputar funções de comando e direção, para que se aperfeiçoassem e treinassem em assuntos de estratégia e política concernentes à defesa do Império. A função primordial desse novo órgão de ensino era permitir a troca de experiência entre oficiais e civis de diferentes matizes e incentivar a cooperação entre eles.

Richmond foi a escolha certa, uma vez que sempre defendera a cooperação e a integração entre as Forças Armadas, com o estabelecimento de uma doutrina comum, além de apreciar demasiado a função de ensino. Pouco antes, Richmond defendera a criação de um estabelecimento de ensino com essas características.⁸⁴

O colégio estava localizado em Londres, e os cursos teriam a duração de um ano para oficiais britânicos e dos domínios que já tivessem os cursos de estado-maior de suas respectivas forças. Inicialmente, as turmas teriam 35 oficiais de cada força, 12 dos domínios e três civis de cada departamento envolvido com assuntos de defesa, isto é, Assuntos Estrangeiros, Tesouro, Comércio, Interior e Colonial.⁸⁵

A Richmond e a um grupo escolhido de oficiais recaiu a organização do primeiro curso do colégio. O curso era composto de nove ou dez grandes exercícios tipo jogos de guerra, no nível político e estratégico, quando cada aluno participava como um ator político distinto em situações de crise ou de guerra. Em seguida, era confeccionado um relatório com todos os ensinamentos colhidos, com comentários sobre os acertos e erros. Infelizmente, esses relatórios foram tratados pelos estados-maiores como exercícios acadêmicos e não foram devidamente aproveitados.⁸⁶

Em complemento, existiam palestras formais proferidas por renomadas personalidades da GB, como o rei, o primeiro-ministro, os demais ministros, comandantes de força, almirantes, brigadeiros e generais, além de visitas de estudo, viagens no país e no exterior. Richmond ministrava pessoalmente algumas palestras. Uma de suas favoritas tinha o título de “Os objetos de guerra”, na qual discutia com a turma aspectos importantes de estratégia e política, procurando formular princípios e conclusões com argumentação bem fundamentada.

Richmond, por ser excessivamente voltado para assuntos navais, ofendeu algumas vezes oficiais de outras forças, principalmente da Força Aérea Real. Um desses oficiais, o comandante de grupo Phillip Joubert de la Ferte, comentaria que Richmond dizia sempre que “a Marinha vinha primeiro, em último e em todas as circunstâncias, e que se dane a história se ela disser outra coisa”.⁸⁷ Muitos de seus acusadores diriam posteriormente que ele não percebia com clareza a importância do po-

⁸³ O nome em inglês é Imperial Defense College.

⁸⁴ HUNT, op.cit. p. 150.

⁸⁵ Ibidem, p. 155.

⁸⁶ Ibidem, p. 158. Muitos desses exercícios retrataram, com grande exatidão, situações que ocorreram posteriormente na Segunda Guerra Mundial.

⁸⁷ HUNT, op.cit. p. 160.

der aéreo. Richmond certamente tinha arestas com oficiais da Força Aérea. Diria ele, maldosamente, que eles eram mentalmente inferiores aos oficiais das outras forças e que “alguns dos trabalhos por eles escritos eram quase produto de crianças parcialmente educadas”.⁸⁸ Uma maldade certamente; no entanto, Barry Hunt acreditou que todo esse preconceito era baseado na estratégia de terror defendida por muitos aviadores ingleses de bombardear maciçamente áreas urbanas, uma distorção moral não aceita, pois não correspondia ao modo inglês de conduzir a guerra, segundo Richmond. Prosseguiu Hunt afirmando que a filosofia de política imperial naval explícita comentada por Richmond não justificaria o *slogan* pejorativo adotado pelos oficiais da Força Aérea de “Marinha primeiro, em último e em todas as circunstâncias”.⁸⁹ Uma maldade contra Richmond, com toda a certeza.

O novo primeiro lorde do Mar era o Almirante Sir Charles Madden desde julho de 1927. Ele não simpatizava com Richmond. Madden fora chefe do estado-maior e dileto amigo de Jellicoe no comando da Esquadra em 1916 e, assim, um adversário tanto de Beatty como de Richmond. Além disso, era um oficial de difícil trato, bem mais velho e antigo que ambos, já tendo sido agraciado com o título de barão pelo rei em 1919. Richmond sabia que, a partir daquele momento, contaria com um grande inimigo no Almirantado.

Nesse período Richmond lançou três livros. O primeiro recebeu o nome de

*Command and Discipline*⁹⁰, uma antologia de passagens escritas por autores renomados na história militar e naval. Essa obra foi dividida por Richmond em dois grupos, o primeiro com frases relativas à “arte” de comandar, e o segundo relativo à disciplina, com um total de 14 capítulos. A escolha dos autores por Richmond já indicava os seus textos militares preferidos. Ele nutria forte admiração por Horatio Lord Nelson, a exemplo de Mahan, transcrevendo sete verbetes desse herói inglês. Admirava também intensamente o próprio Alfred Mahan, com 14 verbetes, o Marechal Ferdinand Foch, com dez verbetes, e Napoleão, com sete verbetes.

Nesse mesmo ano, Richmond lançou o *Naval Warfare*⁹¹, que era composto de dois grandes capítulos, ambos retratando palestras ministradas por ele no King’s College na primavera de 1926. O propósito desse livro era estabelecer, de forma simples e direta, em um texto enxuto, “os amplos princípios básicos que cobrem o uso do poder marítimo na guerra”, segundo suas próprias palavras⁹².

Em 1928 Richmond lançou o terceiro livro desse período, o *National Policy and Naval Strength*⁹³. Tratava-se de uma compilação de diversas palestras ministradas por ele na Academia Britânica⁹⁴, de artigos no *Naval Review*, de conferências no RUSI e no Instituto Real de Relações Internacionais, nas Universidades de Cambridge e de Londres e na EGN-GB, sob o título de “Políticas Nacionais e Força Naval do Século XVII ao XX”, sendo o primeiro livro

⁸⁸ Carta de Herbert Richmond a William Henderson de 15 de setembro de 1928, dia de seu aniversário. Fonte: *Ibidem*, p. 161.

⁸⁹ *Idem*.

⁹⁰ RICHMOND, Herbert. *Command and Discipline*. London: Edward Sanford, 1927.

⁹¹ RICHMOND, Herbert. *Naval Warfare*. London: Ernest Benn, 1927.

⁹² *Ibidem*, p. III.

⁹³ RICHMOND, Herbert. *National Policy and Naval Strength*. London: Longmans and Green, 1928.

⁹⁴ Chamadas de Palestras Raleigh de História.

de história que pode ser chamada de história popular, segundo entendimento de Hunt⁹⁵. Richmond solicitou que o prefácio fosse feito por seu amigo Lorde Sydenham of Combe, que apontou a importância do estudo da história para políticos e fez uma crítica direta à política naval britânica adotada na Grande Guerra. Esse livro foi voltado para historiadores, especialistas em guerra naval, políticos e oficiais de Marinha, tornando-se, dessa maneira, um texto básico para se compreender o pensamento de Richmond.

Em dezembro de 1928 ele deixou o CID e em outubro do ano seguinte foi promovido a almirante de esquadra, apesar da oposição de Madden. Essa promoção não significou novas comissões de maior prestígio, muito pelo contrário. A única função que lhe foi confiada foi a de presidente da Conferência Internacional para a Segurança da Vida no Mar, muito insignificante para o seu intelecto e sua preparação profissional. Madden não lhe deu mais nenhuma função a partir daí.

O que veio a complicar ainda mais a sua situação foi uma série de artigos que Richmond escreveu para o periódico *The Times* em 21 e 22 de novembro de 1929, cujos títulos foram “Menores Marinhas – um padrão para todas” e “O Navio Capital”⁹⁶. Neles Richmond atacou veementemente a política naval vigente na GB ao propor o absurdo, segundo ele, de procurar uma fórmula para limitar o número de navios de cada poder marítimo. Sugeriu ele que cada nação deveria procurar seus próprios números, de acordo com seus interesses no mar e não em relação a seus oponentes. Para ele, a única forma de limitar

cientificamente o poder de uma Marinha de Guerra era controlar o tamanho de cada navio individualmente, mas nunca a Marinha como um todo. Os navios a serem construídos deveriam estar limitados pela autonomia em cerca de 8 mil milhas a 15 nós de velocidade, velocidades entre 24 e 28 nós e capacidade de combate com canhões até 6 polegadas. Essas qualidades corresponderiam a um cruzador de cerca de 10 mil toneladas⁹⁷.

Richmond já havia defendido esses pontos de vista anteriormente, e eles não agradaram ao Almirantado, que ainda defendia a construção de grandes navios encouraçados, dentro da tradicional concepção de Alfred Mahan de batalha decisiva. Richmond defendia a construção de cruzadores menores em detrimento dos grandes navios encouraçados, afirmando que se perdeu na conferência do desarmamento de Washington de 1922 a chance de diminuir uma futura escalada de construção de grandes navios, sem sacrificar a segurança dos Estados envolvidos. Em uma palestra proferida por ele, em abril de 1926, em Chatham House, defendeu esses pontos de vista, criticando duramente o Almirantado. Foi então imediatamente repreendido pelo Vice-Almirante Frederick Field, vice-chefe do Estado-Maior Naval, que determinou que naquelas circunstâncias Richmond deveria se refrear de declarações públicas que viessem a embarçar o Almirantado em questões que envolvessem projetos de força e políticas navais. Por estar ainda sob a batuta de Beatty, a questão foi abafada e nada ocorreu.

Nesse novo caso que surgiu, Beatty já estava na reserva, e o primeiro lorde do Mar era Madden, seu inimigo declarado. Nova-

⁹⁵ HUNT, op.cit. p. 130.

⁹⁶ Os títulos em inglês foram “Smaller Navies. A Standard to All” e “The Capital Ship”, publicados no *The Times*, de Londres.

⁹⁷ Nos próximos números serão discutidas, com maior intensidade, essas ideias de Richmond.

mente houve uma reprimenda pública, com a intenção de forçá-lo a transferir-se para a reserva; no entanto, desta feita, em março de 1930 Richmond recebeu uma carta do primeiro lorde do Almirantado, A. V. Alexander, informando-o de que não haveria uma nova comissão para ele naquele ano.

Logo em seguida, foi preterido novamente para um grande comando de força naval no mar. O novo primeiro lorde do Mar era o Almirante Frederick Field, o mesmo que o repreendera quatro anos antes pelo mesmo motivo. Field insinuou, então, que precisava da vaga de Richmond para acelerar as promoções dos postos abaixo.⁹⁸ Era a máxima humilhação que Richmond poderia suportar. Em abril de 1931, Richmond era transferido para a reserva, sob forte emoção e frustração.

Embora não imaginasse na ocasião, Richmond começaria uma nova etapa em sua vida, etapa que muito lhe agradaria.

Uma carreira de realizações acadêmicas

Richmond afastou-se imediatamente para sua casa localizada em Great Kimble, no Condado de Buckinghamshire, a sudeste da Inglaterra. Nesse período, ele continuou suas pesquisas e a escrever livros, procurando esquecer a sua saída da Marinha. Encontrou também na jardinagem um derivativo. Eventualmente ia a Londres ministrar palestras na University College, da Universidade de Londres, e no Trinity College.

Pela primeira vez sentia uma grande liberdade em escrever o que bem entendesse, sem as peias que o serviço ativo demandava de seus oficiais. Censuras não mais existiam.

Nos próximos três anos, de 1931 a 1934, foram lançados quatro livros de sua autoria. O primeiro, *The Navy in India 1763-1783*,⁹⁹ é uma densa obra histórica que foi terminada no seu período de comando no Índico, só sendo lançada em 1931. Nesse livro Richmond tentou demonstrar como a política tende a se subordinar a fatores materiais e administrativos.¹⁰⁰ Ele procurou indicar as causas que afetaram a estratégia e as influências que governaram a tática empregada pelos comandantes na cena de ação, em especial o duelo Hughes-Suffren, e trazer à discussão as muitas circunstâncias de tempo, de suprimentos, de saúde e materiais que tiveram um destacado papel na campanha¹⁰¹. Sua análise concentrou-se nos campos político, estratégico e operacional, no entanto isso não impediu que analisasse algumas batalhas, a exemplo do que Mahan fizera em seu *The Influence of Sea Power upon History*, obra inclusive referenciada por Richmond.

O segundo livro lançado em 1931 foi o *Economy and Naval Security: a plea for the examination of the problem of the reduction in the cost of naval armaments on the lines of strategy and policy*¹⁰². Richmond, ao escrever essa obra, tinha o propósito de discutir o problema da redução do custo dos armamentos navais em relação à estratégia e à política. Logo no início de sua discussão, apontou que não existia uma concordância geral em relação à economia nacional e aos requisitos de segurança. De acordo com uma primeira linha de pensamento, os armamentos eram a causa da guerra; logo, se reduzindo o gasto em armas, as chances de guerra diminuiriam. Em uma segunda linha de pen-

⁹⁸ Ibidem, p. 31.

⁹⁹ RICHMOND, Herbert. *The Navy in India 1763-1783*. London: Ernest Benn, 1931.

¹⁰⁰ HUNT, op.cit. p. 136.

¹⁰¹ RICHMOND, *The Navy in India*, op.cit. p. 13.

¹⁰² RICHMOND, Herbert. *Economy and Naval Security: a plea for the examination of the reduction in the cost of naval armaments on the lines of strategy and policy*. London: Ernest Benn Ltd, 1931.

samento, o propósito seria o inverso. Assim, a compra de armamentos teria um efeito coercitivo, o que dissuadiria qualquer país de se aventurar em um conflito. Uma terceira linha, da qual Richmond era partidário, preconizava que o propósito dos armamentos era obter segurança. Se gastar mais em armas significasse maior segurança, deveria-se gastar mais. Se o adversário mantivesse, segundo a sua visão, o nível adequado de segurança, haveria economia. Sua discussão centrou-se nesse caso específico.¹⁰³

O livro seguinte por ele lançado foi *Imperial Defence and Capture at Sea in War*,¹⁰⁴ que tratou de questões envolvendo dois grupos de capítulos distintos. O primeiro grupo, composto de seis capítulos, abordou a questão da defesa imperial, discutindo aspectos políticos envolvidos na guerra e na paz, e um tema que muito o interessou foi a defesa do comércio marítimo da GB e a defesa contra invasões. No segundo grupo de capítulos, quatro no total, analisou a questão, sempre sensível, de capturas marítimas em alto-mar no caso de guerra.

Embora Richmond tenha apresentado uma reconfiguração original do sistema de defesa do Império¹⁰⁵ logo no início de sua apresentação, sua aceitação não foi unânime entre os historiadores e analistas. Muitos criticaram suas concepções como dissociadas da realidade, que começava a se alterar, afetando o relacionamento das unidades políticas dentro do Império. Schurman comentou que, qualquer que fosse sua lógica na apreciação militar naquela oportunidade para se encaixar em situações estratégicas correntes, essas situações

não mais existiam em 1932. Disse ele que, “apesar de seu conhecimento em assuntos de política naval, uma cabeça como a de Richmond não estava preparada para lidar com a natureza das mudanças de relações na Comunidade Britânica que afetavam a base das concepções estratégicas”.¹⁰⁶

Hunt também criticou Richmond, afirmando que sua concepção de defesa era amorfa e algumas vezes ambígua em relação às suas implicações, não tendo ele se baseado em qualquer discussão teórica de relações internacionais. Além disso, acreditava que Richmond, como todos os ingleses de sua geração, não era “sensível às forças nacionalistas que se desenvolviam no seio do Império e à natureza mutante das conexões que mantinham o Império coeso”.¹⁰⁷

Por outro lado, essas críticas não foram unânimes. O historiador Robin Higham afirmou que:

O Imperial Defence and Capture at Sea in War continha uma grande quantidade de sábias lições. Diferentemente de muitos outros autores, Richmond estava preocupado com as funções das Forças Armadas em tempo de paz e de guerra. O combate tinha mais visibilidade e interesse para a imaginação da opinião pública; no entanto, a sobrevivência dependia de que preparativos fossem realizados não só para a guerra, mas também para se evitar a guerra. Dessa maneira, as tarefas das Forças Armadas, em períodos entre conflitos, eram a preservação da ordem, a manutenção para a guerra e o treinamento.¹⁰⁸

¹⁰³ Ibidem, p. 11.

¹⁰⁴ RICHMOND, Herbert. *Imperial Defence and Capture at Sea in War*. London: Hutchinson & Co, 1932.

¹⁰⁵ Ibidem, p. 11.

¹⁰⁶ SCHURMAN, op.cit. p. 129.

¹⁰⁷ HUNT, op.cit. p. 135.

¹⁰⁸ HIGHAM, Robin. *The Military Intellectuals in Britain: 1918-1939*. Westport: Greenwood Press Publishers, 1966, p. 53.

Seja como for, trata-se de um livro que, mercê todas as críticas, tem uma grande importância, pois discute intensamente conceitos importantes sobre defesa.

Seu livro seguinte foi *Naval Training*,¹⁰⁹ de 1933. O tema desse livro foi um de seus favoritos: a educação e o treinamento do pessoal da Marinha Real. Os primeiros rascunhos foram escritos em 1918, quando ele assumiu a função de chefe da Divisão de Treinamento do Almirantado¹¹⁰. Desde muito cedo, Richmond se envolveu com a área de ensino da Marinha. No seu tempo de assistente de Lorde Fisher, ele já pôde perceber as alterações conduzidas por seu chefe na área de treinamento e ensino, que vieram modificar totalmente a política naval até então. Richmond, a partir daí, começou a formular a sua própria concepção e procurou aproximar a Marinha da academia e implementar novos métodos de ensino, tais como estudos de caso e discussões dirigidas. Além disso, acreditava que se deveria aumentar a carga de estudos de história naval e estratégia nos cursos de altos-estudos. Afinal Richmond fora tanto diretor da EGN-GB como do CID, o que, acreditava, lhe conferia credibilidade suficiente para apontar os defeitos no sistema de ensino naval e militar.

Nesse período, Richmond aproximou-se do crítico militar Sir Basil Liddell Hart,¹¹¹ depois dos elogios do primeiro em relação à biografia de William Tecumseh Sherman, escrita por Hart. Os laços se estreitaram quando Richmond contou a Hart os seus infortúnios a respeito de suas opiniões so-

bre as dimensões dos navios, o que provocou como punição a sua indisponibilidade e seu posterior afastamento do serviço ativo da Marinha. Hart imediatamente se ofereceu para utilizar suas conexões com membros do gabinete de James Ramsay Mac Donald, dentre os quais se destacava Lorde Thompson, ministro da Aeronáutica, e rediscutir aquela situação. A morte de Lorde Thompson em um acidente aéreo pouco depois abortou essa iniciativa; no entanto, Richmond e Liddell Hart mantiveram-se em contato até a morte do primeiro.

Em fevereiro de 1934, a vaga de Holland Rose em Cambridge foi aberta, depois de dois anos de docência. O nome de Richmond foi eleito pela congregação da universidade para assumir essa vaga por um período de dois anos.¹¹² Era realmente uma grande honra para um oficial de Marinha ser professor daquela prestigiosa universidade, inclusive porque Richmond tinha duas obras fundamentais de história que lhe davam credenciais mais que relevantes, *The Navy in the War of 1739-1748* e *The Navy in India*, seus dois livros mais importantes e conhecidos no meio historiográfico. O próprio professor Rose diria: “Richmond não possui somente um belo currículo no serviço ativo naval, ele tem estudado profunda e longamente a história da Marinha e sua influência em nosso desenvolvimento nacional e além-mar”.¹¹³

George Trevelyan, seu cunhado e amigo íntimo, professor régio¹¹⁴ de História Moderna em Cambridge, diria posteriormente

¹⁰⁹ RICHMOND, Herbert. *Naval Training*. London: Oxford University Press, 1933.

¹¹⁰ HUNT, op.cit. p. 212.

¹¹¹ Autor de diversos livros de história militar e formulador da teoria de aproximação indireta em estratégia.

¹¹² A cadeira assumida por Richmond era chamada de Vere Harmsworth de história naval e imperial. Ver item 3.1.1.

¹¹³ HUNT, op.cit. p. 217.

¹¹⁴ Título correspondente a catedrático ou professor titular. Trevelyan posteriormente seria reitor do Trinity College, em Cambridge. Fonte: *Ibidem*, p. 218.

que a escolha do nome de Richmond foi marcada por sua “eminência como historiador e em razão da idade limite que afetava o corpo docente; ele só poderia permanecer por dois anos, porém sentimos que suas qualificações eram tão grandes que mesmo essa desvantagem poderia ser relevada. Ele era um excelente professor e palestrante”.¹¹⁵

Richmond dedicou-se de corpo e alma, com extrema alegria, à nova carreira docente. Além disso, tornou-se mais tolerante com opiniões contrárias às suas. Toda a sua agressividade e prepotência foram deixadas para trás. Parecia que tinha nascido para ser professor de História, sua terceira grande paixão, depois da família e da Marinha Real. Ele foi reconhecido em Cambridge como um educador gentil, paciente, sensível e charmoso.¹¹⁶ Suas vitalidade e dedicação foram muito apreciadas por seus alunos e colegas professores. Além disso, desenvolveu um refinado senso de humor que fazia de suas aulas uma delícia de serem assistidas. Richmond também era fluente em francês e italiano, o que facilitava suas pesquisas e referências em sala de aula, pois indicava as diferentes visões de outros autores estrangeiros.

Nesse período de docência Richmond lançou novo livro: *Sea Power in Modern World*.¹¹⁷ Nessa obra ele retornou ao tema de segurança e voltou a criticar as doutrinas em voga nas Marinhas dos anos 30, que enfatizavam a quantidade de meios e as grandes dimensões dos navios em detrimento de razões estratégicas e políticas. Reconheceu que um bloqueio naval só seria efetivo se um poder marítimo estivesse aliado a um poder terrestre, aproximando-se do pensamento de seu querido amigo Julian Corbett.

Richmond, nesse livro, também, apontou que o poder marítimo era melhor instrumento político e estratégico do que o nascente poder aéreo, pois o primeiro poderia transportar grandes quantidades de tropas pelo mar e manter essas tropas lutando em um teatro de operações afastado, com boa cadeia logística, ao contrário da Força Aérea, limitada pela dimensão restrita de seus meios. Concluía, assim, que o poder marítimo era um poder mais adequado à segurança coletiva que o poder aéreo, o que mais uma vez trouxe a insatisfação de seus colegas da Força Aérea.

Depois de dois anos de docência e ao ver expirar o seu período na cadeira Vere Harmsworth, Richmond foi eleito pela própria congregação de Cambridge para assumir a reitoria do Downing College, um dos colégios da universidade, onde permaneceria até o seu falecimento.

Esse período como reitor foi um dos mais produtivos e felizes de sua vida. Entre 1936 e 1946 escreveu mais cinco livros, além de opúsculos e artigos para diversas revistas e periódicos. Além de se realizar como administrador universitário, Richmond ainda proferia inúmeras palestras. Foi agraciado com o título de doutorado honorário pela Universidade de Oxford, como membro efetivo da Academia Britânica e membro associado da Academia de Marinha da França.

Na revista de Cambridge, um dos editores escreveu o seguinte sobre o reitor Richmond:

Seu charme [de Richmond] e sua afabilidade demonstraram como ele sabia bem encorajar jovens. Ele levou a sua função muito seriamente. Sentia-se como um comandante de navio, preocupado primariamente com o bem-estar de toda

¹¹⁵ TREVELYAN, op.cit. p. 12.

¹¹⁶ HUNT, op. cit. p. 217.

¹¹⁷ RICHMOND, Herbert. *Sea Power in Modern World*. London: G.Bell & Sons, 1934.

a tripulação[...] a modéstia de Richmond produziu uma boa expectativa em ter sua companhia no *campus*[...] como chefe do *campus* acreditava na expressão ‘bando de irmãos’¹¹⁸ e provou que essa crença se espalhava por todos.¹¹⁹

Richmond observou com preocupação, nos períodos anteriores à guerra de 1939, o rearmamento da Alemanha e a doutrina que privilegiava unicamente a batalha decisiva entre grandes esquadras, em prol de uma estratégia voltada para o ataque às linhas de comunicação. Temia que a Marinha Real não tivesse cruzadores em número suficiente para se contrapor aos alemães, que iniciavam com afinco a construção de encouraçados de menores dimensões, os chamados “encouraçados de bolso”, que tinham a missão de atacar o tráfego marítimo. Durante anos Richmond defendera a concepção de se aumentar o número de cruzadores em detrimento dos grandes encouraçados, e isso lhe trouxera o rancor do Almirantado e seu posterior afastamento da Marinha.

Em 1937 Richmond lançou o *The Navy*¹²⁰, um livro destinado a compor uma série de três obras sobre defesa nacional destinada a explicar em linguagem simples, para o “homem comum”, a dimensão, o alcance e a limitação dos diversos setores governamentais ligados à segurança nacional. Cada um dos três livros foi escrito por um especialista: o da Força Aérea pelo Vice-Marechal do Ar E. L. Gossage, o do Exército pelo Brigadeiro R. H. Dewing e o da Marinha por Richmond. Nesse livro de

pouco mais de 125 páginas, Richmond fez um sumário da história naval britânica, devotando uma grande parte para explicar a importância da Marinha para a defesa do Império na guerra moderna e na proteção das suas linhas de comunicação.

Ao ser deflagrado o conflito em 1939, Richmond se envolveu diretamente no esforço de guerra, assumindo a função de chefe da junta de recrutamento universitário de Cambridge, selecionando no meio universitário jovens que pudessem ser aproveitados pela Marinha por suas qualificações pessoais. Muitas vezes o Almirantado não aproveitava suas sugestões, o que o deixava frustrado, chegando a escrever a seus colegas almirantes que “o Almirantado imputa pouco valor ao estudante universitário como um oficial de Marinha em potencial”.¹²¹ Isso não o impediu de ser um importante consultor em assuntos de estratégia para esse mesmo Almirantado. Roskill chegou a dizer que, “entre 1939 e 1945, Richmond agia como um consultor não oficial da Marinha e, claro, não pago na Divisão de Recrutamento”.¹²²

Ele foi também um crítico ferrenho do bombardeio estratégico contra centros urbanos, que ele classificava como ataques terroristas contra a população civil. Considerava que nesses bombardeios não existiam alvos estratégicos militares de valia e por isso eram ineficazes e produziam resultados políticos devastadores, além de serem moralmente reprováveis.¹²³

Em 1940 Richmond sofreu um violento ataque cardíaco que quase o levou à mor-

¹¹⁸ Em inglês ‘*band of brothers*’, expressão comumente utilizada por Horatio Lord Nelson para designar os seus comandantes de navios.

¹¹⁹ Retirado da Cambridge Review de 25 de janeiro de 1947, escrito por W.L. Cuttle. Fonte: HUNT, op.cit. p. 218.

¹²⁰ RICHMOND, Herbert. *The Navy*. London: William Hodge & Co Ltd, 1937.

¹²¹ HUNT, op.cit. p. 223.

¹²² ROSKILL, The Richmond Lecture. op.cit. p. 145.

¹²³ HUNT, op.cit. p. 222.

te. Embora continuasse escrevendo, seu vigor físico ficou abalado.

Em 1941 ele lançou dois pequenos livros. O primeiro foi *British Strategy – Military & Economic. A Historical Review and its Contemporary Lessons*¹²⁴. O propósito de Richmond com essa obra era discutir um problema estratégico que se apresentava ao poder político desde os tempos elizabetanos. Como conciliar o poder nacional, em suas várias formas, com os armamentos disponíveis e os esforços provindo de seus aliados? Perguntava de que maneira poderia a GB melhor empregar seus instrumentos de combate, juntamente com o seu poder econômico e sua posição geográfica, em combinação com as forças militares de seus aliados? Segundo ele, esse poder nacional consistia não somente em forças navais e terrestres de combate, mas também em suas finanças, seu comércio e sua situação geográfica. Dizia que isso não era um problema de fácil resolução e que nem sempre o poder nacional se apresentava da mesma forma em todos os períodos históricos. O tema do livro deveria gravitar, assim, em torno do que ele chamou de “guerra econômica”.¹²⁵

O segundo livro lançado em 1941 foi o *The Invasion of Britain: an account of plans, attempts & counter-measures from 1586 to 1918*¹²⁶, publicado sob os auspícios da Associação Histórica Britânica. Nessa pequena obra de apenas 80 páginas, ele discutiu as tentativas de invasão do Reino Unido desde a aventura espanhola de 1586 até o final de 1918 e as medidas tomadas para frustrá-las. Trata-se, as-

sim, de um livro essencialmente de história naval para um público não especializado. O interessante é que Richmond utilizou, além de documentação do NRS, livros de referência de seu grande amigo Julian Corbett, como os seus clássicos *Some Principles of Maritime Strategy*, *Drake and the Tudor Navy*, *Successors of Drake*, *England in the Mediterranean*, *England in the Seven Years War*, *Campaign of Trafalgar* e *War of 1914-1918*.

Em 1943 Richmond escreveu um livro que seria a ele associado da mesma forma que o *The Influence of Sea Power upon History* estava associado a Alfred Mahan: *Statesmen and Sea Power*. Essa obra foi baseada em palestras por ele proferidas na Universidade de Oxford, sob o título de Palestras Ford¹²⁷ sobre a estratégia britânica desde Elizabeth I. O propósito desse livro era apresentar uma ampla ideia dos fundamentos de estratégia marítima. Nessa grande obra, Richmond contou com o auxílio inestimável de sua filha Eleonor Faith, por ele chamada de Nora. Arthur Marder afirmou que *Statesmen and Seapower* foi o melhor de seus livros, tendo muitos historiadores dito, inclusive, que foi sua obra-prima, uma expansão mais aperfeiçoada de suas palestras originais em Oxford em 1943. O livro é uma investigação penetrante do uso do mar pela GB do século XVI até a Segunda Guerra Mundial.¹²⁸ Robin Higham disse também:

O melhor trabalho de Richmond veio depois de 1940, quando ele produziu seu clássico *Statesmen and Seapower*, no

¹²⁴RICHMOND, Herbert. *British Strategy. Military & Economic. A Historical Review and its Contemporary Lessons*. Cambridge: Cambridge University Press, 1941.

¹²⁵ *Ibidem*, p. VIII.

¹²⁶ RICHMOND, Herbert. *The Invasion of Britain an account of plans, attempts & counter-measures from 1586 to 1918*. London: Methuen & Co Ltd, 1941.

¹²⁷ Ford Lectures em inglês.

¹²⁸ MARDER, op.cit. p. 41.

qual, em ampla varredura, procurou educar políticos e oficiais de Marinha na forte correlação entre a política e a estratégia militar.[...] No *Statesmen and Seapower*, em realidade suas Palestras Ford em Oxford, em 1943, Richmond apresentou com grande clareza o tema que mais tarde desenvolveria no seu inacabado *Navy as an Instrument of Policy*.¹²⁹

O *Statesmen and Seapower*, embora fosse a sua melhor obra analítica, não devia ser lida separada de sua última obra, publicada após sua morte, em 1953, com edição do professor do Trinity College de Cambridge, E.A Hughes, *The Navy as an Instrument of Policy, 1558-1727*.¹³⁰ Richmond desejava escrever a sua principal obra de história e estratégia, conforme seu desejo, e no início dos anos 40 principiou a pesquisa do que viria a ser esse livro.

Após o seu falecimento, Lady Richmond chamou o professor Hughes para analisar algumas páginas escritas por seu marido, nas quais encontrava-se uma nota datada de 1º de março de 1942 definindo o propósito dessa nova obra. O seguinte estava escrito no seu frontispício:

O primeiro volume de minha história traça a utilização feita pelos políticos da Marinha como instrumento de guerra de Elizabeth até o fim da Guerra do Norte de 1727. Pretendo conduzir esse projeto até a última guerra de 1918. Então essa guerra veio [de 1939] e pelos últimos dois anos eu não tenho sido capaz de me concentrar na guerra de 1914. Agora tudo está em jogo e se depois dessa guerra existir uma Marinha ou se o país se interessar e tomar medidas

para assegurar que o seu povo tenha consciência da importância do poder marítimo e aprendido, não somente por nossa terrível experiência, a não prejudicar a Marinha nesses anos fatais desde 1918, mas também pela longa experiência do passado, eu não posso predizer. Temo que o que ocorreu anteriormente venha a repetir-se, e que a Nação e o Império, mesmo se sobreviverem, repitam o erro com complacência. Desejo que alguém termine o livro com um segundo volume, tendo em vista o mesmo objeto, que é explicar a estratégia de guerra, não a pequena estratégia nem a tática nem a explicação detalhada das campanhas, mas sim o esboço do que os ministros queriam e como suas intenções foram transformadas em planos de ação.¹³¹

O desejo expresso por Richmond de que o segundo volume fosse completado por outro historiador não foi figura de retórica. Ele compilou grande quantidade de material primário para futura edição desse volume e declinou, com tristeza, de conduzir essa empreitada por estar com a saúde abalada e por circunstâncias ligadas a outras atividades, tais como a guerra de 1939. O material estava disponível, e Hughes, o editor do primeiro volume, no prefácio, concitou os historiadores a se debruçarem sobre ele.¹³²

A documentação por ele utilizada foi vasta e detalhada, com ênfase em fartas referências primárias e ampla bibliografia de apoio. Essa obra foi a que mais lhe tocou, e infelizmente permanece ainda sem um término.

Os dois últimos anos de vida de Richmond foram de muita agonia, pois seu

¹²⁹ HIGHAM, op.cit. p. 58.

¹³⁰ RICHMOND, Herbert. *The Navy as an Instrument of Policy, 1558-1727*. Cambridge: Cambridge University Press, 1953.

¹³¹ *Ibidem*, p. I.

¹³² *Idem*.

coração falhava constantemente. Isso não impediu que publicasse diversos artigos no *Naval Review*, no *The Times* de Londres e no *Fortnightly Review*. Ele tinha 75 anos quando sofreu novo ataque cardíaco, vindo a falecer em 15 de dezembro de 1946 e sendo cremado em sua querida Universidade de Cambridge. Na elegia fúnebre, seu amigo íntimo e colega de universidade, professor George Trevelyan, diria o seguinte:

Em todas as relações de vida, ele [Richmond] era tão perfeito como

pode ser um homem, e aqueles que estiveram mais perto dele conheciam melhor o que ele era. Quando a bondade e a beleza de caráter, muito superior ao que homens comuns podem demonstrar, estão unidas ao poder da mente bem disciplinada, podemos perceber qual altura o homem irmão pode alcançar.¹³³

Morria Sir Herbert William Richmond, um dos mais importantes pensadores britânicos do período entre guerras¹³⁴.

📁 CLASSIFICAÇÃO PARA ÍNDICE REMISSIVO:

<ARTES MILITARES>; Pensamento militar; Estratégia marítima; Poder naval;

¹³³ TREVELYAN, op.cit. p. 15.

¹³⁴ Nos próximos números da *RMB* serão discutidas a percepção de história e as concepções políticas e estratégicas de Richmond.